

PROPRIEDADES DO GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO NO ÂMBITO DO TREINAMENTO DE FORÇA: UM ESTUDO QUALITATIVO

PROPERTIES OF THE TEXTUAL GENRE SCIENTIFIC ARTICLE IN THE FIELD OF STRENGTH TRAINING: A QUALITATIVE STUDY

Márcia dos Santos Dornelles*

RESUMO: Ao elaborar um produto terminográfico baseado em corpus, o terminógrafo precisa familiarizar-se com as propriedades dos gêneros textuais da especialidade em foco para apreender os padrões de uso dos termos e fraseologias especializadas. Partindo dessa premissa, da perspectiva linguística da Teoria Comunicativa da Terminologia e da proposta de tipologia textual de Ciapuscio e Kuguel (2002), este estudo descreve e analisa aspectos macro e microestruturais de uma pequena amostra de artigos científicos em inglês e português sobre o Treinamento de Força (TF), especialidade da Educação Física. A análise dos diferentes comportamentos dos textos e das variantes terminológicas detectadas permitiu conhecer o entorno dos termos que integrarão um protótipo de glossário português-inglês de TF para tradutores, produto de nossa pesquisa de mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Comunicativa da Terminologia; Tipologia textual; Artigo científico; Treinamento de Força

ABSTRACT: When developing a corpus-based terminographic product, the terminographer needs to become familiar with the properties of the textual genres of the focused (sub)area in order to apprehend the usage patterns of the terms and specialized phraseologies. From the linguistic perspective of the Communicative Theory of Terminology and using the textual typology proposed by Ciapuscio & Kuguel (2002), this study describes and analyzes macro and microstructural aspects of a small sample of scientific articles, written in English and Portuguese, on Strength Training (ST), a subarea of Physical Education. The analysis of the different behaviors of the texts and of the terminological variants detected allowed knowing the environment of the terms that will integrate a prototype Portuguese-English glossary of ST for translators.

KEYWORDS: Communicative Theory of Terminology; Text typology; Scientific article; Strength Training

1. INTRODUÇÃO

Assim como um biólogo precisa explorar o meio em que vive seu espécime de estudo para entender o comportamento deste, também o terminógrafo que se dedique a repertoriar a terminologia¹ de determinada área ou subárea do saber precisa conhecer o *habitat* dos termos: o texto especializado. Nesse sentido, ao elaborar um produto terminográfico bilíngue baseado em *corpus* e direcionado a tradutores, o terminógrafo

* Servidora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Letras pela UFRGS: marcia@esef.ufrgs.br

¹ Neste artigo, terminologia com *t* minúsculo refere-se a conjunto de termos, e Terminologia com *T* maiúsculo refere-se a campo de estudos ou disciplina.

deve buscar familiarizar-se com as propriedades dos gêneros (ou classes) dos textos do âmbito temático em foco para apreender os padrões de uso dos termos e fraseologias especializadas. Em síntese, o gênero textual é um elemento condicionante do perfil das terminologias.

Esse esforço do terminógrafo por desvendar as características macro e microestruturais do gênero textual contribui para o reconhecimento do seu *modus dicendi* no intuito de facilitar a tarefa do tradutor no marco da comunicação especializada. Isto porque o tradutor precisa produzir, na língua de chegada, um texto que espelhe os modos de dizer daquele campo, incluindo sua terminologia própria, de forma que esse texto soe natural à sua comunidade de falantes, evitando ruídos na comunicação. Em conformidade com Finatto (2004, p. 348),

Nesse processo recente da Terminologia, que vai da percepção do termo isolado ao termo integrado em um ambiente textual e vinculado a um todo de significação que é o texto, perpassado pela apropriação da linguagem por um segmento social, é que nos situamos hoje como lingüistas-terminólogos tratando do texto técnico-científico em suas diferentes modalidades e circunstâncias.

Partindo dessas premissas, da perspectiva linguística da Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT (cf. CABRÉ, 1999) e da proposta de tipologia textual de Ciapuscio e Kuguel (2002) e Ciapuscio (2003²), este estudo, de orientação empírica e cunho qualitativo, tem o objetivo de identificar, descrever e analisar aspectos macro e microestruturais de uma pequena amostra de artigos científicos que versam sobre a temática do Treinamento de Força (TF) – uma especialidade da área de Educação Física –, originalmente escritos em português brasileiro e inglês. O trabalho começa situando nossas concepções teóricas de partida, em seguida descreve a tipologia textual proposta por Ciapuscio e Kuguel (2002) e Ciapuscio (2003), passa à caracterização do *corpus* de análise e imediatamente à descrição e à análise dos dados extraídos, e termina com nossas considerações.

A base linguística construída a partir dos resultados deste estudo contribuirá para um melhor “reconhecimento do terreno” do artigo científico sobre TF como entorno da terminologia a ser incorporada a um protótipo de glossário dirigido a tradutores – mas também útil para pesquisadores e estudantes da área –, o qual construímos como produto da dissertação de mestrado intitulada “Bases teórico-metodológicas para elaboração de um glossário bilíngue (português-inglês) de Treinamento de Força” (DORNELLES, 2015).

2. CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE PARTIDA

Antes de adentrarmos os conceitos que embasam este trabalho, vale citar Finatto (2004, p. 355), que chama atenção para como as contribuições de diferentes vertentes e perspectivas da Linguística podem mostrar-se produtivas para a pesquisa em Terminologia, resguardados os interesses de investigação:

² Em seu livro lançado em 2003 (ver Referências), Ciapuscio dedica um capítulo que “constitui uma revisão ampliada do trabalho realizado com I. Kuguel” (p. 91) e reapresenta a tipologia proposta por ambas em 2002.

A Terminologia estuda a comunicação especializada e lhe é inerente aproveitar as mais variadas perspectivas dos estudos lingüísticos, pois interessam tanto o todo da linguagem técnico-científica quanto suas partes, mecanismos, propriedades e ambiência.

Dito isso, passemos aos conceitos de texto, texto especializado, gênero/classe textual e termo.

2.1 O conceito de texto

Ciapuscio (1998, p. 44)³ define os textos como “objetos lingüístico-comunicativos complexos, que incluem distintos níveis de análise: basicamente, o nível funcional, o nível situacional, o nível temático, o nível de estruturação lingüística e o nível de formulação”, estes com base em Heinemann e Viehweger (1991). Em estudo posterior, Ciapuscio e Kuguel (2002⁴) reduzem os níveis de análise para quatro (funcional, situacional, de conteúdo semântico e formal) e reformulam a definição de texto: “um objeto lingüístico-comunicativo complexo, no qual interagem ou se plasman diferentes tipos de conhecimentos”. Nessa definição, as autoras aliam duas perspectivas de estudo do texto: como processo (sua produção e compreensão) e como produto (o resultado desse processo).

Na perspectiva de **processo**, as autoras apoiam-se em Heinemann e Viehweger (1991), que consideram que produzir ou compreender um texto implica pôr em jogo vários sistemas de conhecimentos inter-relacionados: enciclopédico (sobre o mundo); lingüístico (léxico e gramática); interativo-situacional; e sobre classes⁵ de textos. Ciapuscio e Kuguel (2002) opõem-se à visão da psicologia cognitiva que considera os textos como “meros vestidos do pensamento” e concordam com Antos (1997) em que com os textos se *cria* conhecimento, não só se *representa*. Também com base em Antos (1982), as autoras acrescentam que a produção de um texto pode ser concebida como um processo complexo de solução de problemas em que o produtor ou falante faz escolhas e toma decisões de naturezas diversas.

Na perspectiva de **produto**, o texto pode ser concebido e analisado, segundo Ciapuscio e Kuguel (2002), como um *sistema modular*: um sistema dinâmico em que, de um lado, as unidades e relações na microestrutura (léxico e gramática) estão *condicionadas* por fatores de ordem superior (funcional-comunicativos e temáticos); e, de outro lado, os fatores de ordem superior são parcialmente *acessíveis e sistematizáveis* a partir dos traços microestruturais. Assim, os aspectos da macroestrutura e da microestrutura estão interconectados, e ambos são essenciais à descrição e explicação do objeto texto no nível global. Isso não impede, no entanto, conforme Ciapuscio (1998, p. 44), que o analista selecione, conforme seus objetivos de investigação, a complexidade do objeto texto ou apenas um nível ou conjunto de níveis em particular.

Para ilustrar essas duas perspectivas de análise, Ciapuscio (1998) recorre a W. Klein (1992)⁶, que remonta à origem da palavra *texto* ao verbo latino *texo*, *texui*, *textum*, que significa “tecer”; e a origem do conceito de *texto* ao grego *techné* e ao sânscrito *taksati*: “um tecido rico e ordenado com sentido”. Nessa bela analogia,

³ Todas as citações de Ciapuscio (1998; 2003) e de Ciapuscio e Kuguel (2002) são aqui traduzidas por nós.

⁴ Nesse artigo, disponível na Internet, as páginas não estão numeradas, apesar de constarem na referência.

⁵ Em 2.3, tratamos detalhadamente das noções de gênero/classe textual.

⁶ A autora não fornece a referência completa de W. Klein (1992).

Esse tecido, como todo produto da capacidade humana, pode ser estudado a partir de duas perspectivas: a perspectiva do processo (a atividade de produzir ou compreender) e a do produto (o resultado dessas atividades). Além disso, o tecido pode interessar do ponto de vista da totalidade (o *como*, o *para que* emprego o tecido) ou do ponto de vista da trama dos pontos (a microestrutura: como se articulam, como se conectam as partes miúdas entre si). (CIAPUSCIO, 1998, p. 44)

É importante salientar que Ciapuscio e Kuguel (2002) empregam *texto* e *discurso* como sinônimos, embora declarem que preferem o primeiro, devido aos fundamentos teóricos em que se baseiam. Com o termo *texto*, as autoras designam “produtos verbais orais e escritos, em toda sua complexidade, isto é, incluindo, além da dimensão estritamente linguística, as dimensões funcional-comunicativas”. Já Cabré (2002a, *apud* ADELSTEIN, 2007), ainda que siga os mesmos modelos cognitivo-procedurais da Linguística Textual de origem germânica declaradamente difundidos no âmbito terminológico por Ciapuscio e Kuguel (2002) e Ciapuscio (2003), distingue *texto* de *discurso*, tomando este num sentido mais amplo:

Dado que a TCT tem por objeto o estudo das UT *in vivo*, o enfoque desta proposta não teria sentido algum sem uma concepção discursiva e textual da terminologia. Os termos constituem nesta proposta unidades inseridas no **discurso**, entendido o **discurso num sentido amplo: o texto e o contexto**, ou, dito de outro modo, **o texto e suas condições de produção, transmissão e recepção**.

Os pilares em que se fundamenta esta proposta de investigação no que se refere aos textos são os seguintes: Por um lado, a linguística cognitiva em seus postulados mais gerais, [...] Por outro lado, a linguística textual, numa concepção discursiva e dinâmica. [...] Em terceiro lugar, situamo-nos numa aproximação comunicativa à terminologia. (CABRÉ, 2002a, *apud* ADELSTEIN, 2007, p. 7. Tradução e grifos nossos.)

Apesar dessa distinção, por vezes Cabré também usa os dois termos como sinônimos. É o que explica nesta passagem de outro artigo:

Superemos, pois, neste trabalho, a discussão terminológica que pode acarretar o uso dos termos *texto* e *discurso* esclarecendo que usaremos *discurso* como sinônimo de *texto* e nos referiremos a *condições discursivas* quando falarmos das características do processo discursivo que podem explicar a geração de um texto e que interagem permanentemente com ele. E, quando nos referirmos ao texto como estrutura, falaremos de *estrutura textual*, que poderia corresponder à denominação *textura discursiva* de Calsamiglia & Tusón (1999). (CABRÉ, 2002b, p. 3⁷)

Referindo-se ao texto e ao discurso, Cabré (2002b, p. 2) destaca que “qualquer fenômeno é em si mesmo suficientemente complexo e poliédrico, e portanto nunca se pode dar conta dele através de uma única disciplina nem de um só ponto de vista”. Segundo a estudiosa, “as dimensões que Van Dijk (2000) atribui ao discurso – o uso da linguagem, a comunicação de crenças (cognição) e a interação em situações de índole social – podem caracterizar também o texto [...]” (CABRÉ, 2002b, p. 2). Assim, Cabré

⁷ As citações de Cabré (2002b) são traduzidas por nós. Nesse artigo, disponível na Internet, a paginação (1-17) não corresponde à informada na referência (15-36). Nas citações, usamos o primeiro intervalo.

vale-se da contribuição de alguns autores que, como ela, consideram que o texto não se limita a um simples fenômeno gramatical superior à oração. Traz, então, o conceito de texto de Bernárdez (1982: 85, *apud* CABRÉ, 2002b, p. 2):

Texto é a unidade linguístico-comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana, que sempre possui um caráter social. Caracteriza-se por sua autonomia semântica e comunicativa, assim como por sua coerência profunda e superficial, devida à intenção (comunicativa) do falante de criar um texto íntegro, e à sua estruturação através dos conjuntos de regras: as próprias do nível textual e as do sistema da língua. [Tradução nossa.]

Cabré (2002b, p. 2) também evoca Castellà (1992), que “resume as propriedades do texto que constituem o denominador comum dos distintos autores que abordaram seu estudo”:

- a) É uma unidade comunicativa;
- b) É produto da atividade linguística;
- c) Está intimamente relacionado com o contexto ou situação de produção;
- d) É estruturado por regras que lhe conferem coerência;
- e) É determinado pelos procedimentos e estratégias do emissor e do receptor nos processos de produção e recepção.

(CASTELLÀ, 1992, p. 49-50, *apud* CABRÉ, 2002b, p. 2)

No presente trabalho, adotamos a concepção de texto de Ciapuscio e Kuguel (2002) como objeto linguístico-comunicativo complexo que *pode* ser analisado como processo e como produto, pelo fato de esta constituir a base da proposta de tipologia dessas autoras, a qual tratamos na Seção 3 e aplicamos para empreender nossa análise. Os textos de nosso pequeno *corpus*, no entanto, serão analisados aqui como produto.

2.2 Os textos especializados

Ciapuscio e Kuguel (2002) esclarecem que preferem o termo *texto especializado* por considerarem, assim como diversos autores, entre eles Cabré (1998), que o emprego de *língua* ou *linguagem* [especializada/de especialidade] é abusivo. As autoras definem *texto especializado* como

produtos predominantemente verbais de registros comunicativos específicos, que se referem a temáticas próprias de um domínio de especialidade e que respondem a convenções e tradições retóricas específicas; portanto, dependendo do tipo de disciplina, podem ser mais ou menos dependentes da cultura e da época dada [...]. (CIAPUSCIO; KUGUEL, 2002)

Nessa concepção, os textos especializados realizam-se em **classes textuais** (ver 2.3) específicas do discurso de especialidade (artigo de pesquisa, comunicação em congresso, artigo de divulgação científica, comunicações científicas na imprensa, etc.), e são concebidos em termos de um *continuum* (“com polos imaginários descritíveis como + especializados/- especializados”). Nessa perspectiva, conforme as autoras, “os **graus de especialização** são acessíveis não apenas com base em critérios contextuais – como usuários e situação comunicativa – e temáticos, como também podem ser explicitados e justificados a partir de indícios linguísticos” (grifo nosso). Para tanto, o

sistema de classificação de textos – a tipologia – deve prover um marco teórico-metodológico confiável.

2.3 *Gênero/classe textual*

Neste trabalho, empregamos o termo *gênero textual* como sinônimo de *classe textual*, este adotado por Ciapuscio (1998; 2003) e Ciapuscio e Kuguel (2002). Assim, usamos o termo *classe textual* somente quando descrevemos a tipologia dessas autoras e em suas citações. As próprias autoras declaram que o termo *classe textual* está “associado conceitualmente com o de gênero, cunhado por Bakhtin, e posteriormente reelaborado e difundido no âmbito da Linguística Aplicada especialmente por Swales (1990) [...]” (CIAPUSCIO; KUGUEL, 2002).

Swales (1990), ao entender gênero textual como uma **classe** de eventos comunicativos moldada e cultivada por uma comunidade discursiva, representa uma perspectiva dos estudos sobre gênero textual acolhida internacionalmente. Seu trabalho é especialmente reconhecido em função de ter tratado extensivamente da feição e dos problemas da escrita acadêmica, com destaque para o artigo científico. Note-se que, na sua concepção de gênero textual, da qual compartilhamos, o autor utiliza a palavra *classe*, adotada por Ciapuscio e Kuguel (2002):

Um gênero compreende uma **classe** de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros da comunidade discursiva que trabalha com eles e, portanto, constituem a lógica subjacente aos gêneros. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe a escolha do conteúdo e o estilo. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. (SWALES, 1990, p. 58, *apud* POSSAMAI, 2004, p. 33. Grifo nosso.)

Marcuschi (2010, p. 23), com base em Swales (1990) e em outros autores, apresenta, de uma forma mais sucinta e didática, a seguinte definição de gênero textual:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Adotando uma visão sociointerativa da língua, Marcuschi (2010) parte do pressuposto de que “a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*” (p. 22). Assim, “os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (p. 23). Dentre os inúmeros gêneros textuais existentes, o autor apresenta vários exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, e assim por diante.

Finalmente, eis a concepção de *classe textual* de Ciapuscio e Kuguel (2002):

O termo *classe textual* [...] é empregado pela Linguística Textual para referir-se às classificações dos textos realizadas **intuitivamente** pelos falantes e que

podem ser descritas e sistematizadas com as ferramentas teórico-metodológicas da Linguística, com a finalidade de construir tipologias. [Grifo nosso.]

2.4 A perspectiva linguística da TCT e a concepção de termo

Dentre os princípios gerais da Teoria Comunicativa da Terminologia, Cabré (1999) postula que a Terminologia é uma matéria **interdisciplinar**, integrada por fundamentos das Ciências da Linguagem, das Ciências da Cognição e das Ciências Sociais. Assim, o termo – ou unidade terminológica (UT) –, seu objeto central de estudo, é **poliédrico**: é, ao mesmo tempo, uma unidade linguística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural. Como consequência, a prática terminológica também é tridimensional, ou seja, a UT (e, do mesmo modo, unidades fraseológicas especializadas – UFE), pode ser tratada a partir de três perspectivas (modelo das “portas”): a linguística, a cognitiva e a comunicativa (ou social). No presente estudo, entramos pela porta da Linguística.

Conforme Bevilacqua (2004, p. 7-8), a **perspectiva linguística** implica que a detecção e descrição ou análise dos termos ou de outras unidades especializadas deve partir do texto produzido por especialistas, pois é no seu contexto de uso real, *in vivo*, que se estabelece o valor especializado das mesmas. É por esse valor que podem ser denominadas unidades de significação especializada (USE).

Assim, as UT podem ser descritas a partir da gramática, ou seja, do sistema de usos de cada língua em que são utilizadas. Dessa perspectiva advém a concepção de termo da TCT, a qual partilhamos:

- Os termos, nessa gramática, não constituem um léxico independente do léxico geral: são unidades léxicas que adquirem valor especializado e, conseqüentemente, de UT [unidade terminológica] por seu uso em um contexto e uma situação comunicativa específicos. Portanto, é uma ativação pragmática que leva em conta o âmbito, a temática, sua perspectiva de tratamento, o tipo de texto, os interlocutores e a situação comunicativa, que pode ser mais ou menos especializada.
- As UT, conseqüentemente, não *pertencem* a um âmbito: *são utilizadas* nele com um valor específico.

(BEVILACQUA, 2004, p. 10. Tradução nossa.)

Em decorrência de serem, antes de tudo, signos da língua natural, as UT são suscetíveis a **toda gama de fenômenos** que nesta ocorrem, dentre eles a **variação conceitual** (polissemia) e **denominativa** (sinonímia), considerando a essência comunicativa e discursiva dessas unidades. Sobre esse princípio, Faulstich (2001), uma expoente da Socioterminologia – vertente teórica que, assim como a TCT, se debruça sobre a variação terminológica –, é incisiva: “Variação e terminologia não se confrontam na abordagem atual. Pelo contrário, defendemos que a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social” (p. 20). Ciapuscio (1998, p. 63), enfocando o ambiente textual das terminologias, salienta que “os fatores de índole funcional e situacional (interlocutores, classe textual, âmbito discursivo) condicionam a seleção, o tratamento e os limites da variação formal e conceitual da terminologia”.

Esclarecidas nossas concepções teóricas de partida, passamos a descrever brevemente a proposta de tipologia de textos especializados de Ciapuscio e Kuguel (2002), elaborada, segundo elas, com a “preocupação de prover fundamento teórico e empírico para determinar graus de especialidade dos textos”.

3. A TIPOLOGIA TEXTUAL DE CIAPUSCIO E KUGUEL (2002)

Em harmonia com sua definição de texto e tomando como ponto de partida a tipologia textual de Heinemann e Viehweger (1991), e Heinemann (2000), as autoras optam por

uma tipologia de cunho cognitivo-comunicativo que contempla sistemas de multiníveis ou de várias dimensões (ou módulos), que representam os diferentes aspectos dos textos. [...] A tipologia reflete o conhecimento sobre classes textuais dos falantes que os habilita a produzir e compreender textos. Esse conhecimento tipológico consiste em representações prototípicas nos distintos níveis ou módulos dos textos. (CIAPUSCIO; KUGUEL, 2002)

Segundo as autoras, o conceito de texto como sistema complexo e dinâmico levou-as a “abordar os textos a partir de uma dupla perspectiva: **do texto ao termo e do termo ao texto**” (grifo nosso). Para tanto, a tipologia é organizada em quatro níveis que se inter-relacionam. Conforme Ciapuscio (2003, p. 97), “tipologizar um texto – como produto – implica, então, realizar um estudo abrangente nos diferentes níveis: a integração dos traços e valores dos diferentes níveis resultará numa caracterização tipológica do texto”.

Para possibilitar uma visão de conjunto da tipologia, apresentamos este quadro esquemático, ligeiramente adaptado de Ciapuscio (2003, p. 103).

Quadro 1 – Tipologia de multiníveis de Ciapuscio e Kuguel

Nível funcional	Nível situacional	Nível de conteúdo semântico	Nível formal-gramatical
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Funções básicas:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ expressar-se ▪ contatar ▪ informar ▪ dirigir - <i>Mono ou plurifuncional</i> - <i>Hierarquia funcional:</i> estrutura ilocutiva (funções dominantes, subsidiárias e complementares) - <i>Sequencialização funcional</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Comunicação interna ou externa à disciplina ou âmbito especial:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ interna (ciências, Estado, religião, comércio, indústria, educação, saúde...) ▪ externa (comunicação interdisciplinar ou entre disciplinas e mundo público ou cotidiano) - <i>Interlocutores:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ especialista-especialista ▪ especialista - semileigo ▪ especialista - leigo ▪ semileigo - semileigo ▪ semileigo - leigo - <i>Relação entre os interlocutores:</i> simétrica ou assimétrica 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Tema do texto</i> - <i>Atitudes temáticas</i> - <i>Perspectivas sobre o tema:</i> teórica, didática, aplicada, divulgativa... - <i>Formas textuais primárias ou derivadas</i> - <i>Partes textuais:</i> livres ou padronizadas - <i>Tipos de desdobramento temático:</i> sequências <ul style="list-style-type: none"> ▪ descritivas ▪ narrativas ▪ expositivas ▪ argumentativas ▪ diretivas 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Máximas de formulação de classe textual</i> (máximas retórico-estilísticas) - <i>Formas linguísticas / não linguísticas</i> - <i>Aspectos gramaticais:</i> <ul style="list-style-type: none"> ▪ recursos sintáticos ▪ recursos léxicos: terminologia (densidade e tratamento)

	<p>- <i>Nº de interlocutores:</i> monólogo, diálogo, grupo pequeno, grupo numeroso</p> <p>- <i>Parâmetros espaço-temporais:</i> comunicação face a face, gráfica, televisiva, virtual, etc.</p>		
--	---	--	--

Revemos abaixo os pontos do quadro que, julgamos, merecem uma maior explicação, com base em Ciapuscio e Kuguel (2002) e Ciapuscio (2003). Os grifos são nossos.

Nível I – Funções

O nível funcional é o ponto de partida – módulo superior – para diferenciar as classes textuais. É o nível de atuação conjunta dos interlocutores, que corresponde ao conceito de *função textual*: “o efeito dos textos no contexto da interação social, em seu funcionamento para a solução de tarefas individuais ou sociais com base nos tipos de atitudes e constelações de objetivos dos envolvidos na comunicação”. Esse conceito, segundo as autoras, supera concepções anteriores, centradas exclusivamente no falante. Assim, são postuladas quatro funções básicas: *expressar-se* (liberar-se, desoprimir-se psiquicamente, apresentar-se); *contatar* (fazer ou manter contato com o interlocutor); *informar* (receber ou transmitir informação); e *dirigir* (fazer com que o interlocutor faça algo ou assuma certa atitude). Naturalmente, há zonas de transição ou sobreposição de funções: *dirigir* inclui *informar*; *informar* pressupõe *contatar*; *contatar* inclui alguma forma de *expressão*. Assim, raramente um texto é monofuncional. Em sendo plurifuncional, é relevante analisar a hierarquia (grau de relevância) das funções e a sua seqüencialização (a ordem em que aparecem) no texto.

Nível II – Situação

Ciapuscio e Kuguel (2002) supõem que o falante tem armazenado um “saber sobre modelos situacionais” que se ativa para a solução de tarefas comunicativas específicas. O conceito de *situação* inclui tanto fatores ambientais diretos (tempo, lugar) como conhecimentos sobre esferas comunicativas, institucionais e formações sociais. Alguns parâmetros situacionais são os tipos de marcos interacionais, o contexto social das atividades comunicativas, fatores de lugar e tempo (coincidência temporal ou não) e o número e o papel social dos falantes. As três categorias de interlocutores (especialista, semileigo e leigo) são definidas com base no grau de competência sobre determinada temática do conhecimento, e as diferenças de competência condicionam a simetria ou assimetria da relação dos interlocutores no texto.

Nível III – Conteúdo semântico

Relaciona-se com a seleção e a disposição temática (informação semântica). Conforme Ciapuscio (2003, p. 100), o tema do texto designa o seu núcleo conceitual e geralmente pode ser verbalizado na forma de uma (macro)proposição. Vejamos alguns parâmetros de categorização nesse módulo. **1.** Na atitude temática (cf. BRINKER, 1988 – cuja base é a *atitude proposicional* da teoria dos atos de fala), o produtor expressa explícita ou implicitamente sua atitude em relação ao conteúdo textual. Por exemplo, ele pode pronunciar-se sobre a verdade ou probabilidade do conteúdo (*saber, crer,*

duvidar), o grau de certeza do seu saber (*realmente, certamente, é evidente, talvez, de modo algum*); sinalizar sua valoração positiva ou negativa (*considerar bem, mal*), o grau do seu interesse (*desejar, propor-se, querer, preferir*) ou sua atitude psíquica (*lamentar, alegrar-se*). **2.** A perspectiva sobre o tema está intrinsecamente relacionada com a função textual. No domínio do texto especializado, Ciapuscio e Kuguel (2002) destacam a perspectiva *teórica* ou *básica* (expande o tema e agrega conhecimento novo), a *didática* (foco no ensino, na compreensão por parte do estudante ou aprendiz), a *aplicada* (foco na utilidade do tema) e a *divulgativa* (retomada e adequação de conteúdo especializado a um público leigo, para que este o conheça e possa tê-lo em conta no seu cotidiano). **3.** As formas textuais primárias ou derivadas (cf. GLÄSER, 1993) referem-se ao grau de originalidade dos conteúdos. As *primárias* (p. ex., artigo científico original) são contribuições originais a uma área específica; as *derivadas* (p. ex., texto de divulgação científica) baseiam-se em textos subjacentes, assim tanto seu tema como seu sistema conceptual e terminológico dependem dos “textos-fonte”. **4.** Os textos estruturam-se em “partes” textuais mais ou menos padronizadas. Um artigo, por exemplo: introdução, materiais e métodos, discussão/conclusão. Classes textuais menos padronizadas são mais livres para dispor a informação. **5.** Tipo de desdobramento temático: sequências⁸ *descritivas, narrativas, expositivas, argumentativas, diretivas* (cf. WERLICH, 1975). Essas estruturas de base semântica combinam-se nos textos e podem originar relações de dominância e subordinação; também repercutem na forma linguística que os falantes selecionam no texto.

Nível IV – Forma (ou formal-gramatical, cf. CIAPUSCIO, 2003)

Esse nível refere-se à superfície textual, i. e., à seleção e à combinação particulares de recursos verbais e não verbais. Contempla máximas retórico-estilísticas da classe textual, ou seja, o falante dispõe de um saber “estilístico” que o orienta na formulação ou compreensão de um texto. São “critérios gerais de ‘adequação’ dos recursos linguísticos aos gêneros específicos” (CIAPUSCIO, 2003, p. 102). Por exemplo, as normas do estilo científico “clássico” incluem clareza, precisão, concisão, economia, objetividade e impessoalidade. Essas normas gerais condicionam a inclusão de elementos não verbais (figuras, gráficos, fotos) e a preferência por modelos de formulação que determinam os recursos sintáticos e léxicos (p. ex., “um estilo distanciado e impessoal determina a seleção de recursos desagregadores, formas verbais passivas, e de recursos que escondem a subjetividade”, cf. CIAPUSCIO, 2003: 102). No discurso especializado, o nível léxico tem grande relevância. A quantidade relativa de terminologia (alta/média/baixa) no texto e seu tratamento (reformulações, definições) ajudam a identificar o grau de especialidade dos textos. “Isso significa que há correlações regulares entre os valores de parâmetros que se relacionam nos módulos superiores dos textos e os valores correspondentes ao nível léxico” (CIAPUSCIO, 2003, p. 102).

Na seção a seguir, caracterizamos nosso *corpus* de análise e, na próxima, passamos à análise propriamente dita.

4. CORPUS DE ANÁLISE

⁸ As “sequências” correspondem à definição de “tipos” textuais de Swales (1990) e Marcuschi (2010).

O gênero textual analisado neste estudo é o artigo científico, porque nosso glossário será elaborado a partir de um *corpus* comparável de artigos científicos, sejam eles originais ou de revisão, originalmente escritos em português brasileiro e inglês, versando sobre a temática do Treinamento de Força (TF). Assim, esta análise qualitativa deverá resultar em um conhecimento importante sobre as propriedades e os mecanismos dos textos, e seus diferentes componentes linguísticos.

Nosso pequeno *corpus* de análise é constituído por dois artigos em português e dois em inglês, todos de revistas diferentes. Em cada língua, um artigo é classificado pela revista como artigo original; e o outro, como artigo de revisão, a saber:

ART1 – artigo original: Efeito de 12 semanas de treinamento com pesos sobre a força muscular, composição corporal e triglicérides em homens sedentários. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 2010.

ART2 – artigo de revisão: Respostas metabólicas ao treinamento de força: uma ênfase no dispêndio energético. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 2011.

ART3 – artigo original: Individual responses to combined endurance and strength training in older adults. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 2011.

ART4 – artigo de revisão: Optimizing strength training for running and cycling endurance performance: A review. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 2013.

As revistas das publicações foram indicadas por professor especialista na área de TF que atua como consultor técnico em nossa pesquisa de mestrado. Trata-se, pois, de revistas com destaque nessa área. Os artigos em português foram buscados nas páginas eletrônicas das próprias revistas, na base de dados SciELO⁹, pelo assunto “treinamento de força”. Já os artigos em inglês foram buscados no Portal de Periódicos da CAPES¹⁰, pelo assunto “strength training”. Das listas resultantes, escolhemos, em cada língua, um artigo original e um artigo de revisão, publicados em alguma das revistas indicadas pelo nosso consultor.

5. ANÁLISE TIPOLÓGICA

Os textos foram analisados individualmente, seguindo os quatro níveis da tipologia de Ciapuscio e Kuguel (2002). Como o *corpus* é pequeno, a análise foi feita após a leitura de cada texto; não utilizamos nenhum *software* de extração semiautomática de dados. No Quadro 2 a seguir, apresentamos a classificação dos textos, bem como exemplos de dados coletados, de acordo com cada parâmetro da tipologia. Passamos imediatamente, então, à análise desses dados, destacando as relações intra e intertextuais observadas.

No **nível funcional**, todos os textos são plurifuncionais, com a função *informativa* (dominante) sendo permeada pela *diretiva* (subsidiária) de forma mais ou menos marcada, em diferentes partes dos textos. A função informativa é explicitada no nível formal-gramatical por orações declarativas (*um dos principais benefícios... está*

⁹ Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php/script_sci_serial/pid_1517-8692/Ing_pt/nrm_iso>.

¹⁰ Disponível em <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>.

Quadro 2 – Aplicação da tipologia textual de Ciapuscio e Kuguel (2002) no *corpus*

NÍVEIS E PARÂMETROS	ART1 - ORIGINAL PORT.	ART2 - REVISÃO INGLÊS	ART3 - ORIGINAL PORT.	ART4 - REVISÃO INGLÊS
1. Nível funcional				
Funções básicas	informar e dirigir	informar e dirigir	informar e dirigir	informar e dirigir
Hierarquia funcional	1. informar / 2. dirigir	1. informar / 2. dirigir	1. informar / 2. dirigir	1. informar / 2. dirigir
Sequencialização funcional (Ver indícios linguísticos na <i>atitude temática</i>)	Função <i>informativa</i> sutilmente permeada pela <i>diretiva</i> (para convencer) na Introd. e Discussão.	Função <i>informativa</i> sutilmente permeada pela <i>diretiva</i> (para convencer) na Introdução.	Função <i>informativa</i> sutilmente permeada pela <i>diretiva</i> (para convencer) na Introd. e Discussão.	Função <i>informativa</i> marcadamente permeada pela <i>diretiva</i> (convencer ou prescrever) em todo o artigo.
2. Nível situacional				
Comunicação int/ext à disciplina	interna (ciências)	interna (ciências)	interna (ciências)	interna (ciências)
Interlocutores	especialista-especialista	especialista-especialista/semileigo	especialista-especialista	especialista-especialista/semileigo
Relação entre os interlocutores	simétrica	predominantemente simétrica	simétrica	predominantemente simétrica
Nº de interlocutores	grupo numeroso	grupo numeroso	grupo numeroso	grupo numeroso
Parâmetros espaço-temporais	comunicação gráfica	comunicação gráfica	comunicação gráfica	comunicação gráfica
3. Nível de conteúdo semântico				
Tema do texto	Efeito de treinamento com pesos sobre força muscular, composição corporal e triglicérides em sedent.	Respostas metabólicas ao treinamento de força, com ênfase no dispêndio energético	Respostas individuais ao treinamento combinado de força e resistência em indivíduos maduros	Otimização do treinamento de força para o desempenho de resistência na corrida e no ciclismo
Atitudes temáticas	Os autores se pronunciam em rel. à <u>verdade/probabilidade do conteúdo</u> com verbos (<i>apresentar, corroborar, contradizer, demonstrar, encontrar, estabelecer, estar de acordo, identificar, ir ao encontro...</i>) e modalizadores (<i>aparentemente, parece, pode, talvez, potenciais</i>); e sinalizam sua <u>avaliação [+]</u> ou <u>[-]</u> com verbos avaliativos (<i>dificultar, fracassar</i>), adjs. (<i>acentuado, importante</i>), advs. (<i>ainda, apenas, bastante, bem, devidamente, intimamente</i>) e fórmula frasal (<i>vale destacar</i>).	Os autores se pronunciam em rel. à <u>verdade/probabilidade do conteúdo</u> com verbos (<i>apresentar, demonstrar, mostrar, revelar...</i>), modalizadores (<i>é possível que, parece, pode, pretende, sugere</i>), verbos fut. pret. (<i>estaria, incluiria, reduziria</i>), adj. (<i>real influência</i>) e adv. (<i>generally</i>); e sinalizam sua <u>avaliação [+]</u> ou <u>[-]</u> com verbos avaliativos (<i>carecer, dificultar</i>), adjs. (<i>importância/contribuição significativa, pontos negativos, poucos estudos, erro considerável</i>) e advs. (<i>decisivamente, parcialmente</i>)	Os autores se pronunciam em rel. à <u>verdade/probabilidade do conteúdo</u> com verbos (<i>confirm, demonstrate, observe, reveal, show, support / imply, may, seem, suggest</i>) e adj. (<i>apparent goal, potential branch</i>); e sinalizam sua <u>avaliação [+]</u> ou <u>[-]</u> com verbos avaliativos (<i>improve, optimize</i>), adjs. (<i>beneficial/minor effects, enhanced performance, minor research attention, negative changes, valuable information...</i>) e advs. (<i>as much as, even, only, to some extent...</i>)	Os autores se pronunciam em rel. à <u>verdade/probabilidade do conteúdo</u> com verbos (<i>contradict, determine, ensure, explain, find, indicate, must, observe, show, should, underpin / appear, can, estimate, hypothesize, may, seem, suggest</i>), adj. (<i>apparent, evident, potential, putative, (un)likely</i>), adv. (<i>often, potentially, presumably, in theory, typically</i>) e conj. (<i>if</i>); e sinalizam <u>avaliação [+]</u> ou <u>[-]</u> com verbos (<i>advice, delay, enhance, fail, improve, optimize, recommend</i>), adjs. (<i>compelling, contradictory, counterproductive, divergent, equivocal, good, ideal, important, improved, negative, positive, reasonable, superior, trivial, unclear, updated</i>) e advs. (<i>best, greatly, importantly, interestingly, negatively, unfortunately</i>)

Perspectivas sobre o tema	teórica e aplicada	teórica, aplicada e didática	teórica e aplicada	teórica, aplicada e didática
Formas text. primárias/derivadas	primária	derivada	primária	derivada
Partes textuais (macroestrutura)	+ padronizada: Resumo, <i>Abstract</i> , Introdução, Métodos, Resultados, Discussão, Conclusão, Referências	– padronizada: Resumo, <i>Abstract</i> , Introdução, Tópicos (subtítulos), Considerações finais, Referências	+ padronizada: Resumo, Introdução, Métodos, Resultados, Discussão, Referências	– padronizada: Resumo, Introdução, Tópicos (subtítulos), Conclusão, Perspectivas, Refer.
Tipos de desdobramento temático (por ordem de dominância)	Seqs. narrativas/expositivas/argumentativas/descriptivas/diretiva	Seqs. narrativas/expositivas/argumentativas/descriptivas	Seqs. narrativas/expositivas/argumentativas/descriptivas	Seqs. narrativas/expositivas/argumentat./diretivas/descriptivas
4. Nível formal-gramatical				
Máximas de formulação de classe textual	clareza/precisão/concisão/economia/objetivid./impessoalid.	clareza/precisão/concisão/economia/objetivid./impessoalid.	clareza/precisão/concisão/economia/objetivid./impessoalid.	clareza/precisão/concisão/economia/objetividade/impessoalid.
Formas linguísticas/não lingüíst.	f. linguísticas	f. linguísticas	f. linguísticas e não-ling. (gráficos)	f. linguísticas
Aspectos gramaticais	Recursos sintáticos: - domínio absoluto do Indicativo (passado/presente) e 3ª p. gramat. - predomínio de formas passivas (perifrásticas: <i>homens saudáveis foram separados; o grupo foi submetido; o teste foi aplicado...</i>); - suj. indeterminado (<i>conclui-se que; identificou-se aumento...</i>) - sintagmas nominais não humanos como sujeito sintático de verbos agentivos (<i>a tabela apresenta; o objetivo do estudo foi verificar; o estudo investigou; os procedimentos atenderam às normas...</i>) - nominalizações (<i>aumento, avaliação, desenvolvimento, determinação, modificação...</i>)	Recursos sintáticos: - domínio absoluto do Indicativo (passado/presente) e 3ª p. gramat. - predomínio de formas passivas (perifrásticas: <i>a calorimetria tem sido utilizada; foi realizada uma busca; tem sido proposto que...</i>) - suj. indeterminado (<i>estima-se a quantidade...</i>) - sintag. nominais [-hum] como suj. de verbos agentivos (<i>a revisão pretende salientar; estudos têm observado; os resultados sugerem</i>) - nominalizações abundantes (<i>aumento, elaboração, incremento, interpretação, mensuração, organização, produção, transferência...</i>)	Recursos sintáticos: - verbos no <i>simple past, present perfect/simple</i> ; domínio absol. 3ª p. - predomínio de formas passivas (perifrásticas: <i>a combination is used; men and women were recruited; training adaptations were quantified...</i>) - sintag. nominais [-hum] como suj. de verbos agentivos (<i>changes have shown; studies have reported; the mean change may conceal...</i>) - nominalizações (<i>combination, development, examination, increase, remodeling, variation...</i>)	Recursos sintáticos: - verbos no <i>past simple, present perfect/simple</i> ; domínio absol. 3ª p. - predomínio de formas passivas (perifrásticas: <i>caution should be used; economy is improved; it is suggested that; strength training is defined; training is recommended...</i>) - sintag. nominais [-hum] como suj. de verbos agentivos (<i>evidence points toward; studies reported/showed</i>) + verbos e menos nominalizações (<i>constriction, improvement, performance, training</i>)
	Recursos léxicos: terminologia densa, sem qualquer tratamento (<i>aptidão cardiovascular, dobras cutâneas, extensão de pernas, gasto energético, massa corporal magra, percentual de gordura, perfil lipídico, uma repetição máxima (1RM), treinamento de força, treinamento com pesos, treino, triglicéride plasmático...</i>)	Recursos léxicos: terminologia densa, com algumas poucas definições (<i>balança energética diária, calorimetria indireta, consumo de oxigênio (VO₂), dispêndio energético, EPOC, leg press, manobra de Valsalva, massa corporal magra, massa livre de gordura (MLG), taxa metabólica, treino/treinamento de força...</i>)	Recursos léxicos: terminologia densa, sem qualquer tratamento (<i>aerobic capacity, bicycle ergometer, concurrent training, dynamometer, endurance training, maximal isometric force (MVC), maximal strength, muscle strength, peak oxygen uptake (VO_{2peak}), strength training, trainability, training modalities/modes</i>)	Recursos léxicos: terminologia densa, com algumas poucas definições (<i>[an]aerobic capacity, body weight, economy of movement, endurance training, energy cost, exercise economy, maximal speed, neuromuscular function, 1RM, strength training, lactate threshold, maximum force, power output/production, sprint...</i>)

relacionado (ART1, p. 30); *um dos pontos negativos... é o reduzido impacto metabólico* (ART2, p. 151); *Nine men and six women dropped out for different reasons* (ART3, p. 485); *Strength training contributes to enhance endurance performance* (ART4, p. 1). Além disso, nos artigos em português, há o domínio absoluto de verbos no modo Indicativo, no passado e no presente; nos artigos em inglês, os verbos estão no passado simples, no presente perfeito e no presente simples. Tais recursos linguísticos são típicos da apresentação de fatos e evidenciam as máximas de clareza e objetividade do gênero artigo científico. Também têm relação com o nível semântico, pois são indícios do desdobramento temático em sequências narrativas e expositivas.

Já a função diretiva está sutilmente marcada na Introdução e na Discussão do ART1 e ART3, e na Introdução do ART2, no intuito de convencer o leitor da veracidade e relevância das declarações feitas, e de levá-lo a concordar com os argumentos apresentados, resultando na aceitação do trabalho pelos pares. Essa função subsidiária se desvela na atitude temática (nível semântico), quando os autores se pronunciam em relação à verdade ou probabilidade do conteúdo com verbos e modalizadores; e sinalizam sua valoração positiva ou negativa das informações levantadas, com verbos, adjetivos, advérbios e fórmulas frasais (ver Quadro 2).

No ART4, a função diretiva é bem mais explícita (ver Quadro 2) e permeia todas as partes do texto. Ela revela, além da intenção de convencer, a atitude de orientar ou até prescrever. Alguns subtítulos da macroestrutura (nível semântico) permitem antever claramente essa atitude: *Practical recommendations* e *Perspectives*. Nessas partes são utilizados os verbos auxiliares modais de obrigação *must* e *should* [deve(m)]: *the strength training exercises should involve...*(p. 6); *athletes should undertake...*(p. 7); os verbos *to advise* (orientar) e *to recommend* (recomendar): *Athletes are advised to build up...* (p. 6); *should be the training mode to recommend (instead of explosive strength training)* (p. 7); e os nomes *advice* e *recommendation* (recomendação): *This advice is underpinned by...* (p. 6).

Vale destacar que as diferenças apontadas entre os textos quanto à função diretiva não nos parecem estar relacionadas com os subgêneros artigo original e artigo de revisão. Observamos, sim, uma diferença entre as línguas: nos artigos em inglês, o uso de adjetivos e advérbios para sinalizar a valoração positiva ou negativa de um conteúdo (nível semântico) é bem mais expressivo que nos artigos em português. Para além de uma simples diferença estilística entre as línguas, ela configura, a nosso ver, um indício da função diretiva.

O **nível situacional** é o que apresenta mais características em comum, pois o gênero dos quatro textos é o mesmo: o artigo científico. As quatro revistas onde estão publicados (ver Seção 4) circulam entre um grupo numeroso de especialistas, para a comunicação (gráfica) interna no âmbito das ciências, com vistas a divulgar os estudos e seus achados realizados dentro dessa comunidade. Vê-se aí a relação com o nível funcional. Tanto os produtores como os destinatários são pesquisadores, sejam docentes ou discentes avançados, portanto podem ser considerados especialistas na temática abordada (ver tema do texto, nível semântico). Entendemos que os artigos de revisão podem ser dirigidos também a semileigos, pois os autores oferecem algumas poucas definições de alguns termos e explicações de conteúdos (que exemplificamos no nível semântico), que demonstram uma preocupação didática. Ainda assim, avaliamos a relação entre os interlocutores como simétrica ou predominantemente simétrica, o que se constata pela densa terminologia (nível formal-gramatical), quase sempre sem

tratamento reformulativo, com exceção de algumas passagens dos artigos de revisão, como já referimos. Daí se denota o alto grau de especialidade dos textos.

No **nível do conteúdo semântico**, os temas dos quatro artigos guardam semelhanças, considerando que o treinamento de força está dentre as palavras-chave de todos. Nos quatro textos, a perspectiva predominante sobre o tema é a teórica (investigação básica), pois os autores expandem o tema e agregam conhecimento novo. Os estudos também têm consequências futuras no campo aplicado, como é próprio desse gênero textual. Essa perspectiva aplicada é mais explícita em três dos artigos, com variados indícios. No ART1, na Discussão, “sugere-se que estudos futuros atentem para esse fato na tentativa de que...” (p. 32). No ART3, o tema central é classificado pela revista como pertencente às Ciências Aplicadas; além disso, no final na Discussão, os autores concluem que “Novos meios são necessários para personalizar programas de treinamento...” (p. 489, tradução nossa). E no ART4, conforme explicamos na descrição da função diretiva (nível funcional), a própria macroestrutura evidencia essa perspectiva, nas partes *Practical recommendations* e *Perspectives*, assim como os indícios linguísticos nelas empregados: os verbos auxiliares modais de obrigação *must* e *should* [deve(m)]; os verbos *to advise* (orientar) e *to recommend* (recomendar); e os nomes *advice* e *recommendation* (recomendação).

Além das perspectivas teórica e aplicada, os dois artigos de revisão, como já mencionamos, apresentam também uma preocupação didática, que talvez seja uma característica associada a esse subgênero textual. Para confirmarmos essa hipótese, seria preciso analisar um número maior de textos, o que foge ao escopo deste estudo. Vejamos alguns trechos de definições de conceitos básicos da área, oferecidas pelos autores no ART2: “O consumo excessivo de oxigênio pós-exercício (EPOC) é a elevação da taxa metabólica ($VO_{2\text{repouso}}$) acima dos níveis pré-exercício durante a recuperação” (p. 153); “O quociente respiratório (RER) é a relação entre... A partir dessa relação..., denominada taxa de troca respiratória, estima-se...” (p. 155). O ART4 oferece um maior número de definições de termos básicos, entre eles *heavy trength training*, *explosive strength training*, *exercise economy* e *lactate threshold*. Ambos os artigos fornecem, também, explicações sobre esses conceitos.

Em sua atitude temática, os autores se colocam em relação à verdade ou probabilidade dos conteúdos apresentados – por eles mesmos ou por outros autores, ao fazerem a revisão da literatura – de várias formas: com verbos cujo valor reforça o caráter factual da informação (*apresentar, demonstrar, mostrar, revelar...*); com verbos avaliativos, para estabelecerem relações entre as informações (*corroborar, contradizer, estar de acordo, ir ao encontro, confirm, support...*); e com elementos modalizadores de diferentes classes gramaticais, que atenuam o grau de verdade das proposições (*aparentemente, parece, pode, talvez, potencial, estaria, reduziria, imply, suggest, presumably, in theory, putative, (un)likely...*). Os autores também sinalizam sua avaliação positiva ou negativa dos dados apresentados, seja na revisão da literatura ou nos resultados do próprio estudo, também de diferentes formas: com verbos, adjetivos, advérbios e fórmulas frasais (ver exemplos no Quadro 2). Em nossa análise, ficou evidente outra diferença entre as línguas: nos artigos em inglês, a ocorrência de adjetivos e advérbios com essa função é bem maior do que nos artigos em português.

Nas formas textuais, observamos uma diferença entre os subgêneros, e não entre línguas. Entendemos que a forma predominante dos artigos originais é a primária, pois, ainda que relatem resultados de outros estudos na revisão da literatura, essa parte está a serviço da mais importante, que é a apresentação de resultados novos com base em

avaliações empíricas realizadas pelos autores. Já nos artigos de revisão, a forma derivada é a predominante, pois a revisão constitui o objetivo dos estudos. Isso não impede, no entanto, como já dissemos, que estes últimos também expandam o tema e agreguem conhecimento novo, com consequências futuras no campo aplicado, como é típico do gênero artigo científico.

As partes textuais (macroestrutura) também apresentaram diferenças de subgênero, e não entre línguas. Nos artigos originais, ela é mais padronizada e responde ao esquema prototípico do grande gênero artigo científico: ART1 em português, *Resumo-Abstract-Introdução-Métodos-Resultados-Discussão-Conclusão-Referências*; ART3 em inglês, *Resumo-Introdução-Métodos-Resultados-Discussão-Referências* (tradução nossa). No ART3, a conclusão está incluída na seção de Discussão; no mais, as partes são idênticas. Nos artigos de revisão, as partes textuais são um pouco menos padronizadas, especialmente na apresentação mais livre dos tópicos: no ART2, em português, *Resumo-Abstract-Introdução-Tópicos (subtítulos)-Considerações finais-Referências*; no ART4, em inglês, *Resumo-Introdução-Tópicos (subtítulos)-Conclusão-Perspectivas-Referências* (tradução nossa). Note-se uma pequena diferença neste último, que inclui Perspectivas. Não levamos em conta a parte de Agradecimentos, uma vez que é opcional nesse gênero.

Nos tipos de desdobramento temático, predominam, nos quatro artigos, sequências narrativas, expositivas e argumentativas, nessa ordem. As sequências descritivas também ocorrem em alguns pontos dos textos; e, no ART1 e no ART4, há ainda sequências diretivas.

Finalmente, no **nível formal-gramatical**, os quatro textos apresentam a vigência das máximas comunicativas próprias do estilo científico clássico: clareza, precisão, concisão, economia, objetividade, impessoalidade. A precisão é marcada pelo uso da terminologia da área; a concisão e a economia são exigidas pelas normas das revistas e se verificam no uso de siglas (*EPOC, IRM, MLG, MVC...*) e símbolos (VO_2), e pelos pequenos blocos de texto. A conclusão do ART1, por exemplo, tem apenas uma frase; as Considerações Finais no ART2 têm apenas dois pequenos parágrafos. O desejo de objetividade e impessoalidade tem indícios linguísticos claros em todos os artigos: domínio absoluto da terceira pessoa gramatical e predomínio de formas passivas (perifrásticas), de sujeitos indeterminados e de sintagmas nominais com traço [-humano] na posição de sujeito de verbos agentivos (ver exemplos no Quadro 2). Todos esses são recursos “desagentivadores” (CIAPUSCIO, 2003, p. 102) que, conforme Krieger e Finatto (2004: 117), contribuem para o “efeito de que o conhecimento relatado está isento de condicionamentos e de pontos de vista particulares, como se fosse a ciência a falar por ela mesma”. A nominalização, outro recurso sintático típico dos artigos científicos, foi mais abundante no ART2 e menos abundante no ART4, onde predominaram os verbos. O único artigo que recorreu a formas não-linguísticas foi o ART3, que apresentou gráficos.

Quanto aos recursos léxicos, todos os artigos apresentam uma terminologia densa. Nos artigos de revisão, como já dissemos, alguns poucos termos são definidos, mas a linguagem das definições só é acessível para um público semileigo, como estudantes avançados. A grande maioria dos termos, no entanto, não recebe qualquer tratamento reformulativo ou parafrástico. Isso porque os autores parecem pressupor que os leitores especialistas dominam essa terminologia, principalmente nos artigos originais. Tal observação reforça o alto grau de especialidade dos textos. Isso não impediu, porém, o fenômeno da variação terminológica; ao contrário, ele se destacou.

Foi observada variação denominativa (sinonímia), tanto intertextual quanto intratextual, em todos os textos. Como exemplos de variantes intertextuais, encontramos os seguintes pares: *gasto energético* (ART1) e *dispêndio energético* (ART2); *massa corporal magra* (ART1) e *massa livre de gordura* (ART2); *treinamento de força* (ART1) e *treino de força* (ART2); e *maximal force* (ART3) e *maximum force* (ART4). Como variantes intratextuais, encontramos *treinamento* e *treino* (ART1); *treinamento de força* e *treino de força* (ART2); *massa corporal magra* e *massa livre de gordura* (ART2); *maximal force* e *maximal strength* (ART3); *training modalities* e *training modes* (ART3); e *power output* e *power production* (ART4).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui empreendida demonstrou que os módulos da tipologia textual de Ciapuscio e Kuguel (2002) estão, de fato, condicionados entre si. Mais do que isso, como bem observa Krieger e Finatto (2004, p. 118), no estudo do texto especializado, “seus componentes não aparecem de forma linear, estão dispersos, embora entrelaçados de modo a constituir uma rede que conforma sua tessitura geral”. Dessa forma, a aplicação dessa tipologia pode auxiliar em diferentes tarefas profissionais que se debruçam sobre o texto, entre elas a tradução:

o conhecimento mais profundo e completo da natureza dos textos de especialidade redundará positivamente na tarefa dos tradutores especializados na medida em que o reconhecimento de certos indicadores em um dos níveis permite prever o funcionamento nos outros módulos. (CIAPUSCIO; KUGUEL, 2002)

De igual maneira, o conhecimento das propriedades de determinado gênero textual resultante dessa análise também qualifica os produtos terminográficos, considerando que os termos, as fraseologias especializadas, os contextos definitórios e os exemplos de uso a eles incorporados, extraídos de seu âmbito natural de emprego, ajudam a compor o *modus dicendi* desse gênero. Somente dessa forma um produto terminográfico tem chances de ser aceito pela comunidade da área em foco.

Com este estudo, identificamos, em alguns níveis da tipologia, diferentes comportamentos dos textos que atribuímos ora a diferenças entre as duas línguas (como a maior explicitação da função diretiva, no nível funcional; e da atitude temática de valoração positiva ou negativa das informações, no nível semântico), ora a diferenças entre os subgêneros artigo original e artigo de revisão (como os interlocutores e a relação entre eles, no nível funcional; e as perspectivas sobre o tema, as formas textuais primária e derivada, e a macroestrutura dos artigos, no nível semântico).

O estudo também evidenciou que, mesmo em textos com alto grau de especialidade, como é o caso dos artigos científicos aqui examinados, a variação terminológica é um fenômeno recorrente que se explica pelo “caráter intrinsecamente dinâmico do conhecimento e do uso linguístico” (CIAPUSCIO, 1998: 46). Essa constatação empírica reforça a tese de que as unidades terminológicas são signos da língua natural que adquirem valor especializado dentro de um contexto especializado, segundo critérios semânticos, discursivos e pragmáticos. E, como signos da língua natural, os termos comportam toda a gama de fenômenos a que estão sujeitos os demais signos da língua.

Para os fins específicos de nossa pesquisa no âmbito do Treinamento de Força, seria interessante realizar um estudo mais aprofundado e com um *corpus* maior de artigos para verificar quais fatores (con)textuais influenciam a variação terminológica, tanto denominativa como conceitual. Isso porque reconhecemos a importância de identificar os mecanismos da linguagem em funcionamento nesse texto especializado que conferem especificidade a essa comunicação acadêmico-profissional materializada no gênero textual artigo científico. Dessa forma, conforme sugere Krieger e Finatto (2004, p. 119), esperamos apreender a terminologia do Treinamento de Força em toda a sua complexidade e não restrita a uma visão lexical.

REFERÊNCIAS

- ADELSTEIN, Andreína (2007). Los modelos de texto en la teoría terminológica. In: ACEVEDO DE BOMBA, E.; RIVERO DE LÁZARO, M. (Comps.). *Desde y hacia el texto*. Estudios de traducción y terminología. San Miguel de Tucumán: CETRATER, Departamento de Idiomas Modernos, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional de Tucumán. p. 84-94. Disponível em: <[http://www.caicyt.gov.ar/files/coteca/Adelstein\(2007\)Losmodelosdetextoenlateoriaterminologica.pdf](http://www.caicyt.gov.ar/files/coteca/Adelstein(2007)Losmodelosdetextoenlateoriaterminologica.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- ANTOS, Gerd. *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Textherstellung in geschriebener und gesprochener Sprache. Tübingen: Niemeyer, 1982.
- _____. Texte als Konstitutionsformen von Wissen. In: ANTOS, G; TIETZ, H. (Hrsg.). *Die Zukunft der Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1997.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. *Unidades fraseológicas especializadas eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar*. 2004. 242 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Lingüística Aplicada (IULA), Barcelona, Espanha. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/teses/teses.php>>. Acesso em: 19 jan. 2014.
- BRINKER, Klaus. *Linguistische Textanalyse*. Berlin: Erich Schmidt, 1988.
- CABRÉ CASTELLVÍ, María Teresa. El discurs especialitzat o la variació funcional determinada per la temàtica: noves perspectives. *Caplletra: Revista Internacional de Filologia*, n. 25, p. 173-194, 1998.
- _____. Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. In: _____ *La terminología: representación y comunicación; elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999. p. 69-92.
- _____. Textos especializados y unidades de conocimiento: metodología y tipologización. En: GARCÍA PALACIOS, J.; FUENTES, M. T. (Eds.). *Texto, terminología y traducción*. Salamanca: Almar, 2002b. p. 15-36.

CASTELLÀ, Josep María. *De la frase al text: teories de l'ús lingüístic*. Barcelona: Empúries, 1992.

CIAPUSCIO, Guiomar Elena. La Terminología desde el punto de vista textual: selección, tratamiento e variación. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 43-65, 1998.

_____. Los términos en el texto: hacia una tipología de los textos de especialidad. In: _____. *Textos especializados y terminología*. Barcelona: Instituto Universitario de Lingüística Aplicada, 2003. p. 91-116.

CIAPUSCIO, Guiomar; KUGUEL, Inés. Hacia una tipología del discurso especializado: aspectos teóricos y aplicados. En: GARCÍA PALACIOS, J.; FUENTES, M. Teresa (Eds.). *Entre la terminología, el texto y la traducción*. Salamanca: Almar, 2002. p. 37-73. Disponível em: <[http://www.caicyt.gov.ar/files/coteca/CiapuscioyKuguel\(2002\)Haciaunatipologiadeldiscursoespecializado.pdf](http://www.caicyt.gov.ar/files/coteca/CiapuscioyKuguel(2002)Haciaunatipologiadeldiscursoespecializado.pdf)> Acesso em: 20 jan. 2014.

DORNELLES, Márcia dos Santos. **Bases teórico-metodológicas para elaboração de um glossário bilíngue (português-inglês) de treinamento de força**: subsídios para o tradutor. 2015. 364 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117567>>.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm*, v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

FINATTO, Maria José Bocorny. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva lingüística. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 341-357.

GLÄSER, Rosemarie. A multi-level model for a typology of LSP genres. *Fachsprache: International Journal of LSP*, v. 15, n. 1-2, p. 18-26, 1993.

HEINEMANN, Wolfgang. Textsorten. Zur Diskussion um Basisklassen des Kommunizierens. Rückschau und Ausblick. In: *Textsorten: Reflexionen und Analysen*, K. Adamzik (Hrsg.). Tübingen, Stauffenburg, 2000.

HEINEMANN, Wolfgang; VIEHWEGER, Dieter. *Textlinguistik: eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer, 1991.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2010). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial. p. 19-38.

POSSAMAI, Viviane. *Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês: um estudo sob a perspectiva da tradução*. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/4512>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

SWALES, John. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

WERLICH, Egon. *Typologie der Texte*. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1975.

Corpus textual de análise

[ART1] POLITO, Marcos Doederlein *et al.* Efeito de 12 semanas de treinamento com pesos sobre a força muscular, composição corporal e triglicérides em homens sedentários. *Rev Bras Med Esporte*, v. 16, n. 1, p. 29-32, Jan./Fev. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922010000100005> Acesso em: 27 jan. 2014.

[ART2] PINTO, Ronei Silveira; LUPI, Renata; BRENTANO, Michel Arias. Respostas metabólicas ao treinamento de força: uma ênfase no dispêndio energético. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*, v. 13, n. 2, p. 150-157, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v13n2/11.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

[ART3] KARAVIRTA, Laura *et al.* Individual responses to combined endurance and strength training in older adults. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 43, n. 3, p. 484-490, 2011.

[ART4] RØNNESTAD, B. R.; MUJIKA, I. Optimizing strength training for running and cycling endurance performance: A review. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*. Publicado *online* em Ago. 2013 (versão preliminar *online* publicada antes da inclusão em uma edição da Revista).